

FRANCISCO SOUSA FARIA DA SILVA

A LENDA DA  
MUSA DE CAMÕES

coolbooks

# I

## A carta

*“Aquele que se empenha a resolver as dificuldades  
resolve-as antes que elas surjam.”*

Sun Tzu

Na manhã de 22 de junho de 1622, a península de Macau foi brindada por fortes raios de Sol, prenúncio de mais um dia quente e luminoso. A brisa amena inundou as praias de grãos de areia dourada, as colinas e as encostas verdejantes. Sobre as águas azuis e cristalinas da enseada, desfilavam as lorchas, embarcações notáveis e imponentes, resultado da fusão entre as caravelas e os barcos asiáticos. Tinham entre 25 e 35 metros de comprimento e não menos de três grandes mastros, que seguravam as velas de cor carmesim. Estes barcos de peculiares características desempenhavam um papel importante

no combate aos piratas dos mares da China, que espalhavam o caos e o terror por aquelas bandas.

A tripulação das lorchas era uma metáfora da península, constituída por portugueses, luso-asiáticos e chineses. Os portugueses, experientes na arte da navegação, ajudavam a manter a paz nas costas da região, consolidando assim a sua presença em Macau. O povo lusitano chegou no ano de 1553, mas só obteve autorização dos mandarins para se fixar em terra quatro anos depois. Desde então, Macau prosperou e progrediu com a presença lusitana, que foi conquistando gradualmente este território e criando parcerias e acordos comerciais com os chineses, fazendo de elo de ligação com os vizinhos japoneses. Não demorou muito para que Macau fosse um pedaço de terra portuguesa. As caravelas lusitanas levaram à Ásia os primeiros habitantes portugueses, as primeiras prensas tipográficas, os primeiros livros impressos, as primeiras universidades, hospitais, novos métodos de navegação e as primeiras armas de fogo.

Nesse dia de junho, uma caravela ancorou no porto do rio das Pérolas. A imponente embarcação trazia novas provisões e mercadorias. Os marinheiros gritavam entre si num misto de português e mandarim, dando instruções sobre como descarregar os artigos.

– Cuidado com as porcelanas! – gritou uma voz grave.

O grupo de rapazes escanzelados e maltrapilhos que seguravam a caixa de madeira onde vinham vasos de porcelana procurou de imediato o dono daquela voz rasgada. Encontraram junto ao leme um homem de 45 anos, vestido de gastas rendas brancas e colete esverdeado. A aba do grande chapéu de plumas cobria-lhe a cara e dava-lhe um ar pesado e rude, marcado também pela barba espessa e grisalha que lhe adornava as feições. A mão direita pousava sobre uma espada de copas.

– Sim, capitão – responderam em uníssono os jovens rapazes.

O Capitão Jaime Alves acenou com a cabeça, mostrando que confiava nos seus marujos e permitindo-lhes prosseguir com a sua tarefa.

– Que se passa contigo, Maurício? – interrogou um, depois de ver a expressão de desalento do camarada que segurava a frente do caixote.

– Nada – respondeu o rapaz.

O interlocutor semicerrou os olhos. Estava desconfiado.

– Então não se vê logo que o Maurício está assim porque não podemos ir à cidade? – exclamou outro. – Seguimos viagem logo depois de descarregarmos tudo.



– A tua criadita chinesa vai ter de esperar.

– Não metas o bedelho, Alberto! – vociferou Maurício, lançando um olhar feroz na direção do companheiro.

Maurício tinha apenas 15 anos, mas destacava-se no grupo por ser o mais alto, característica que vincava a sua magreza e lhe dava um aspeto desconcertante. O cabelo claro e ondulado escapava-se-lhe do pequeno gorro vermelho que usava, e os olhos escuros assemelhavam-se a duas grandes esferas brilhantes. Vestia sempre de camisa branca e colete castanho, gasto e rasgado nas pontas.

– Como é que ela se chama? – perguntou um.

– Ele nem sabe pronunciar o nome dela! – exclamou Alberto.

– Espera aí que já vais ver! – afirmou Maurício, atrapalhado, enquanto corava e tentava virar-se ao seu adversário. Quanto mais se mexia, mais se desequilibrava no pequeno estrado que unia o barco a terra. Os outros começaram a rir.

– Não deixemos cair isto por causa da tua rapariga! – retorquiu Alberto.

Maurício deixou-se contagiar pela alegria dos amigos e riu-se com eles.

A rapariga chinesa por quem Maurício se enamorara chamava-se Daiyu, que em português quer

dizer «jade negro». Era um ano mais velha do que o rapaz, e trabalhava como criada no palácio do Capitão-mor de Macau. Quando Maurício a vira pela primeira vez no mercado da cidade, dois meses antes, logo se encantara por aquela beldade oriental de cabelos escuros e brilhantes, olhos sinceros, lábios vermelhos e silhueta elegante, sempre bem cuidada e usando seda colorida. E o destino encarregou-se de os apresentar.

Naquele dia, Daiyu foi importunada por um amor não correspondido, e Maurício saiu em sua defesa. O rapaz bateu-se como um valente contra um jovem mais velho e com o dobro do seu físico, e a sua coragem salvou a honra da rapariga. Desde então, Daiyu e Maurício ficaram amigos.

O rapaz estava sempre à espera do dia em que voltava a Macau. Infelizmente, desta vez o capitão decidira não ficar alguns dias, como era costume. A entrega das mercadorias estava atrasada e era da mais alta importância cumprir os prazos à risca. Dali seguiam para o Japão, e por isso Maurício nada podia fazer senão lamentar-se e responder às saudáveis provocações dos seus amigos, que o desafiavam para o animar.

\*\*\*

Aos poucos, os marinheiros iam descarregando as mercadorias. No porto, os mais curiosos tentavam adivinhar o que viria em cada caixote, enquanto outros anotavam tudo em papel e indicavam para onde deviam seguir as caixas. Muitas iam para as casas dos fidalgos, ao passo que outras iam diretamente para as lojas dos comerciantes.

Nesse momento, o imediato da caravela, homem jovem e de tez morena, apresentou-se ao capitão.

– Senhor, já sabemos quem vai entregar a mercadoria à casa de Sua Excelência o Capitão-mor de Macau.

– Entregaste a minha carta? – perguntou o capitão com ar apreensivo. – Frisaste que era da mais alta importância e apenas para o capitão-mor?

– Deixei isso bem claro, capitão – acrescentou o imediato. – A nota seguiu com o resto da correspondência, para não chamar a atenção. – O seu olhar focou-se no horizonte e a sua expressão revelou uma certa ansiedade.

– Sei o que estais a pensar, Fernando – retorquiu o capitão.

O imediato baixou a cabeça, um pouco constrangido.

– Esperemos que a frota que avistámos em alto-mar não venha nesta direção.



– Assim espero – disse o capitão, remexendo a ponta da barba com os dedos. – É muito suspeito ver uma frota de navios holandeses por estas bandas. Espero que o capitão-mor tome as medidas necessárias depois de ler a carta. Mas quantos menos souberem disto melhor, até porque não temos a certeza de que os navios se dirigem para cá.

– Malditos holandeses. Fizeram dos portugueses seus inimigos desde que Espanha anexou Portugal – protestou Fernando.

– Deixemo-nos de lamúrias. Não restituem a nossa independência, não põem comida na mesa nem apagam a amarga distância a que estamos das nossas famílias. Guardemos então a memória do Rei Desejado e o nevoeiro para mais uma história de embalar os nossos filhos. Preparemo-nos para seguir viagem. O tempo urge.

O imediato curvou-se ligeiramente e retirou-se para supervisionar as últimas descargas.

Em terra, os servos dividiam as mercadorias em vários grupos.

– Vamos! Vamos! – incentivava o capataz do porto os trabalhadores. – Não temos o dia todo.

Logo em seguida surgiu o administrador. Era um homem de meia-idade, caucasiano e com cara de

poucos amigos. Vestia rendas brancas e calças vermelhas, adornadas por botas muito gastas.

– A mercadoria para o senhor capitão-mor, já seguiu viagem?

– Já sim – respondeu o capataz.

– Tanto secretismo com a carta... – murmurou entre dentes o administrador.

Metros à frente, as carruagens desfilavam em fila, levantando o pó da estrada de terra e criando uma neblina seca. Ao longe desenhavam-se as casas da cidade, quase todas edificadas em madeira com a exceção da fachada da igreja, construída em granito e cujo topo parecia rasgar os céus azuis.

Em contraste, erguia-se numa colina do lado esquerdo um pequeno palacete de dois pisos que, à semelhança das lorchas, também apresentava na sua arquitetura um misto do Ocidente com o Oriente. Era nessa direção que seguia uma das carruagens, pois aquele palacete era a residência de Lopo Sarmiento de Carvalho, o Capitão-mor de Macau.

\*\*\*

Já em alto-mar, os marujos da caravela aproveitaram um momento de descanso. Uns jogavam aos dados enquanto outros, mais nostálgicos, se

refugiavam nas memórias. Maurício era um deles, e só pensava no dia em que regressaria a Macau para se encontrar novamente com Daiyu.

Junto ao homem do leme, o Capitão Jaime Alves pegou no seu binóculo e inspecionou as linhas do horizonte. O mar estava calmo, contrariamente ao seu estado de espírito. Tinha muitos anos de experiência e algo lhe dizia que a frota de navios holandeses não se encontrava perto de Macau por recreio.

Normalmente tinham de se precaver dos tufões, muito habituais naquela zona geográfica. Naquele momento, um tufão pareceu-lhe um inimigo fácil comparado com as forças bélicas da Holanda. Aquela potência em crescimento estava pronta a destruir quem tivesse a ousadia de a enfrentar, e Macau não seria certamente exceção.

## II

### Imprudência do destino

*“O destino conduz o que consente e arrasta o que resiste.”*

Sêneca

A lâmina da espada dançava no ar e sibilava, um som que se diferenciava dos restantes barulhos da natureza predominantes no jardim.

O espaço era amplo, com relva verde bem aparada e árvores gigantes que lançavam grandes sombras pelo recinto. Os pássaros voavam de galho em galho e cantavam, brindando às primeiras horas da manhã. Aquela colina tinha o nome de Ermida da Guia. No horizonte desenhavam-se as casas da cidade, encavalitando-se umas nas outras, sempre com os tetos da Igreja da Madre de Deus a rasgar os céus.

O jardim do palacete do capitão-mor era um autêntico Éden perfumado, com filas de flores

coloridas e enormes canas de bamboo que desfilavam de forma ordeira pelos bancos de mármore. Num desses bancos estava pousado um bordado incompleto de siglas orientais.

A jovem que segurava a espada de copos estava sozinha. Não tinha mais de 16 anos e vestia de seda verde-escura. Era elegante, de rosto esguio, estatura mediana e cabelos castanhos-claros, lisos e compridos.

Fez mais alguns movimentos de esgrima e dançou a espada entre as mãos. Tudo levava a crer que esta rapariga percebia do assunto. Foi então que a sua concentração foi quebrada por uma voz vinda do interior do palacete:

– Joana!

A rapariga arregalou os grandes e cristalinos olhos verdes mal ouviu o seu nome. Seguiu-se outra voz à primeira:

– Onde está, menina Joana?

Joana olhou para todos os lados como se procurasse qualquer coisa. Nesse momento dois vultos femininos entraram no jardim, no mesmo instante em que a rapariga atirava com a espada para o meio do arvoredado.

A mulher que vinha à frente rondava os 45 anos e era elegante. Vestia de rendas brancas e saias trabalhadas com seda chinesa. O cabelo escuro estava

apanhado e alguns cachos caíam-lhe sobre o pescoço, decorado com um colar de diamantes. Tinha olhos azuis e lábios finos. Chamava-se Amélia Sarmiento de Carvalho, e era a esposa do Capitão-mor de Macau.

A outra senhora tinha praticamente a mesma idade, mas era muito diferente. Para começar, era oriental, de rosto roliço e sorriso bem-disposto. Vestia de seda amarela, numa indumentária menos vistosa que a da outra mulher.

– Estou aqui, mãe – respondeu Joana, já sentada no banco de mármore e com o bordado nas mãos.

Quando as mulheres a viram, a primeira esboçou um sorriso enquanto a outra trocou um olhar cúmplice com a jovem rapariga.

– Estou contente por teres seguido o meu conselho e deixado essa estupidez de aprender esgrima.

– Sim, estou a tentar, mãe – afirmou a jovem, esboçando um sorriso leve. Depois olhou na direção da acompanhante da mãe. – A Sra. Leong tem-me dado umas dicas.

Amélia franziu o sobrolho e mudou de conversa:

– Acabaram de chegar novas mercadorias de Portugal. Finalmente uma lufada de ar fresco e as lojas...

– E os livros? Também chegaram? – interrompeu a rapariga.

– Os livros que pediste também já chegaram.

Joana levantou-se num ápice, felicíssima com esta boa novidade matinal. Esperava aqueles livros há mais de seis meses e parecia mentira que finalmente tivessem chegado.

– Vou já entregá-los à escola – afirmou Joana com um brilhinho nos olhos. – O padre Nicolau e os miúdos vão ficar radiantes com estes novos livros! Onde estão?

– Mandei colocá-los no escritório com as restantes coisas. O teu pai não está, por isso tem cuidado com o que deixaram no gabinete dele.

– Sim, terei – disse a rapariga enquanto corria para o interior da casa.

– Vai com calma que ainda cais! – exclamou a mãe de braços abertos. Depois encolheu os ombros. – Sempre cheia de energia. Não para quieta um momento. Quando tinha a idade dela não era assim. Gostava que fosse mais parecida comigo.

– A senhora D. Amélia já sabe como é a menina Joana – disse a Sra. Leong.

Amélia acenou afirmativamente com a cabeça e depois ambas se retiraram para o interior.

O palacete era amplo e fresco, de tetos altos em forma de arcos. As paredes estavam ornadas com

tapeçarias antigas e pinturas que retratavam cenas quotidianas do Oriente.

Ao passarem junto à lareira, Amélia parou e franziu o sobrolho examinando o topo da parede, adornado por um escudo com as armas da família e uma espada.

– Sra. Leong – disse ela. – Não estavam aqui duas espadas? Não me diga que a rapariga anda outra vez com a mania da esgrima!

A Sra. Leong arregalou os olhos e respondeu de imediato:

– Minha senhora, já sabe como é a menina Joana.

– Pois sim – retorquiu a mãe da rapariga, abanando a cabeça. – Veja se encontra a espada. Deve estar perdida no jardim.

A Sra. Leong tentou conter o sorriso. Amélia apercebeu-se e riu-se com ela.

– Eles pensam que nós nunca tivemos a idade deles.

– É bem verdade, minha senhora – concluiu a Sra. Leong.

\*\*\*

Joana entrou de rompante no escritório. Vinha acompanhada por Daiyu, que se encarregou de



abrir as cortinas da grande janela. Os raios de Sol entraram com fúria e iluminaram o espaço, dando detalhe a todas aquelas silhuetas. Na escrivaninha, algumas penas, frascos de tinta, maços de papel e um cinzeiro. Na esquina, como habitual, estava pousada a correspondência. No topo da torre de papéis estava a carta urgente do Capitão Jaime Alves.

– Ena! Tanta coisa – exclamou Joana procurando a caixa com os livros.

O espaço estava repleto de caixotes com tapeçarias, sedas de cores variadas, jarros de porcelana, documentos.

– Acho que estão aqui – disse Daiyu tentando puxar uma caixa.

Joana veio para junto dela e espreitou. Pelas fendas conseguiu distinguir as capas de lona da encadernação de várias obras. Conseguiu ler títulos como *A Iliada*, de Homero, *D. Quixote de la Mancha*, de Miguel Cervantes, *António e Cleópatra*, de William Shakespeare, *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, *Sonetos*, de Luís de Camões, entre tantos outros.

– Temos de selecionar os que vamos deixar na escola. Há aqui alguns que são para o meu pai – disse Joana.

As duas raparigas juntaram forças e puxaram a pesada caixa com alguma dificuldade.

– Se calhar é melhor ir às cavaliariças chamar o Sr. Albano – disse Daiyu.

– Não, deixemos o Sr. Albano tratar dos cavalos que nós tratamos dos livros.

Descansaram um pouco e voltaram à carga. Ao puxar a caixa, Joana bateu com o braço na esquina da escrevaninha. A pilha de documentos que estava pousada na mesa espalhou-se desordeiramente pelo chão. Os frascos de tinta também caíram e molharam algumas cartas, incluindo a do Capitão Jaime Alves.

– Oh, meu Deus! – exclamou a rapariga.

Daiyu correu de imediato para ajudar Joana a apanhar os papéis e limpar a tinta. Joana tentou compor a ordem da correspondência, mas infelizmente havia algumas cartas em que a tinta cobrira o nome do remetente.

A rapariga franziu o sobrolho quando leu *Richelieu*.

– Cartas para Richelieu... – murmurou Joana enquanto as contava. Depois leu o nome do remetente. – Condessa de La Fère.

– O senhor de Richelieu usou esta morada algumas vezes para enviar correspondência para França, mas há muito tempo que não vinha nada para ele. É possível que muitas dessas cartas já tenham mais de um ano.

Joana ficou pensativa, não pelo facto de as cartas terem já mais de um ano, até porque era normal a correspondência atrasar-se durante longos períodos de tempo, principalmente vinda de França, mas pelo facto de serem todas da Condessa de La Fère.

– Nunca ouvi falar – disse Joana. – Mas também Richelieu é muito reservado.

– Sim, fala pouco ou nada sobre o seu passado.

– Será que está aqui exilado por causa desta Condessa de La Fère? – interrogou-se Joana com um brilho nos olhos, engendrando de imediato uma história romântica, daquelas que lia nos livros de que tanto gostava. – Alguma paixão proibida?

– A versão oficial é que está exilado pelo facto de o rei de França ter declarado guerra à Rainha-mãe, Maria de Médicis, e Richelieu não o ter apoiado totalmente.

Joana abanou a cabeça de forma afirmativa.

– Queria evitar a guerra entre mãe e filho e acabou por perder a confiança de ambos os lados – concluiu a jovem. – Mas isso é o que consta. Nunca ninguém falou nesta Condessa de La Fère.

Recordaram a cicatriz que Richelieu exibia na face esquerda.

– Um golpe de espada, sem dúvida – acrescentou Daiyu.

– Richelieu é um mistério – afirmou Joana, recolhendo todas as cartas e dividindo-as em duas torres. – Mas já que vou à escola, aproveito e faço também de correio.

Guardou na sua algibeira a correspondência do senhor de Richelieu, ignorando que, perdida no meio das cartas deste, estava também a carta do Capitão Jaime Alves. Joana selecionou os restantes livros, e com a ajuda de Daiyu, colocou os que se destinavam para a escola numa caixa à parte.